

# **NOVOS CENÁRIOS PARA OS VAZIOS URBANOS NAS MARGENS DO LAGO PARANOÁ, BRASÍLIA**

**J. M. M. Medeiros, M. A. B. Romero, G. A. C. Cantuária, G. L. Sales, V. Pazos**

## **RESUMO**

O presente trabalho pretende distinguir atributos das áreas da orla em que existam vazios urbanos e discutir o desenho urbano para estes espaços (a maioria inacessíveis pela apropriação privada dos mesmos), incluindo a apropriação social e a preocupação com a sustentabilidade ecológica. Devido à grande centralidade de certos vazios urbanos, diversas cidades têm feito esforços para a renovação urbana destas áreas, inclusive com o aumento da densidade construída. No entanto, em Brasília, o vazio intersticial muitas vezes não é “residual” e sim de “projeto”. Para examinar os vazios urbanos próximos às margens do Lago Paranoá foi delimitada como Área de Estudo o polígono da cidade situada entre o lago e as Vias L2 Norte e Sul, partindo-se da hipótese que é possível criar, novos desenhos urbanos, sem por em risco a preservação da cidade, com soluções locais mais sustentáveis.

## **1 INTRODUÇÃO**

Algumas propostas recentes utilizam o arcabouço teórico do “urbanismo sustentável”, procurando aliar o aumento da densidade nas áreas centrais sem prejudicar o meio ambiente. No processo de construção de cidades sustentáveis, a questão central a ser trabalhada é o resgate de melhores condições de vida, perdidas ou prejudicadas pelo processo do crescimento desordenado das cidades (ROMERO, 2006).

A cidade é, sobretudo, contato, regulação, intercâmbio e comunicação. A convicção de que a população pode expandir infinitamente os espaços do assentamento humano é a primeira forma, geograficamente falando, de neutralizar o valor de qualquer espaço (SENNETT, 1991). A cidade sustentável, portanto, é preciso que seja compacta, para minimizar os custos de implantação e ajuda a criar a integração e coesão social, preservando sua memória e cultura.

O fácil acesso a cidade deveria ser privilégio de todos, e a ocupação consciente de mais espaços nas proximidades do Plano Piloto, em Brasília, Distrito Federal, com a proposição de projetos urbanos que não agridam o meio ambiente, deve ser discutida como uma evolução urbana sadia para a cidade. As margens do Lago Paranoá deveriam permanecer intocadas para manter o desenho urbano de Brasília. As atividades propostas no plano original de Lucio Costa foram amenidades bucólicas como campo de golfe, restaurantes e clubes, todos com baixo gabarito para não interferir na paisagem. Porém no plano original também foram previstas áreas residenciais próximas à orla do plano piloto, que foram afastadas para as penínsulas do lago pela comissão julgadora com a justificativa de ocupar todas as margens.

"Evitou-se a localização dos bairros residenciais na orla da lagoa, a fim de preservá-la intacta, tratada com bosques e campos de feição naturalista e rústica para os passeios e amenidades bucólicas de toda a população urbana. Apenas os clubes esportivos, os restaurantes, os lugares de recreio, os balneários e núcleos de pesca poderão chegar à beira d'água" (COSTA, 1957, item 20).

Atualmente, existem grandes espaços vazios entre a asa sul e asa norte e a orla do Lago Paranoá, destinados ao setor de embaixadas, ou simplesmente sem um destino preciso, sendo caracterizada com área verde que constitui a Escala Bucólica. Acredita-se que é possível serem propostas novas funções para estes espaços ociosos, com um urbanismo sustentável, com baixa densidade, para populações de baixa renda, diminuindo assim a segregação populacional do DF.

## 2 O CONTEXTO DO PLANO PILOTO E AS MODIFICAÇÕES SUBSEQUENTES

A primeira modificação do Plano Piloto de Brasília foi feita pela própria comissão julgadora do concurso para a escolha da nova capital, principalmente relacionadas à circulação Oeste-Leste e ocupação das penínsulas ao longo do Lago Paranoá, sendo essas consideradas modificações acessórias (figuras 01 e 02).

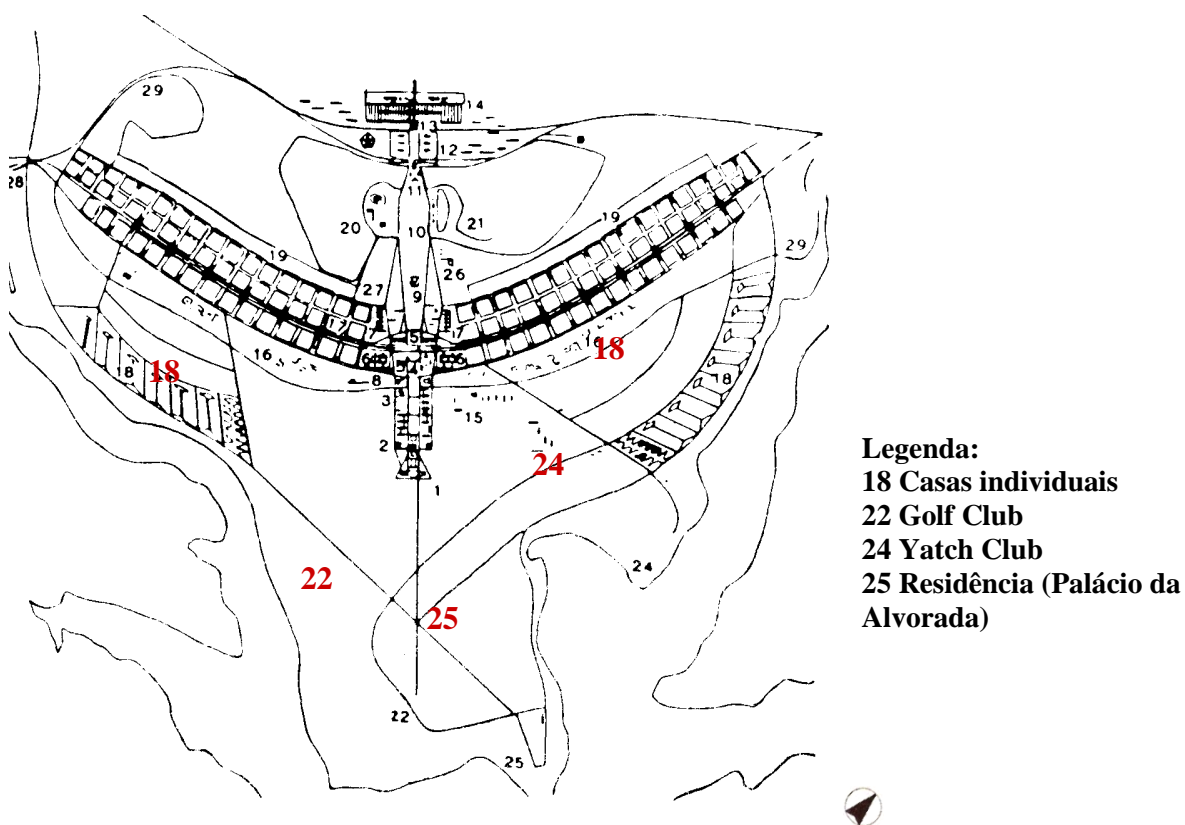
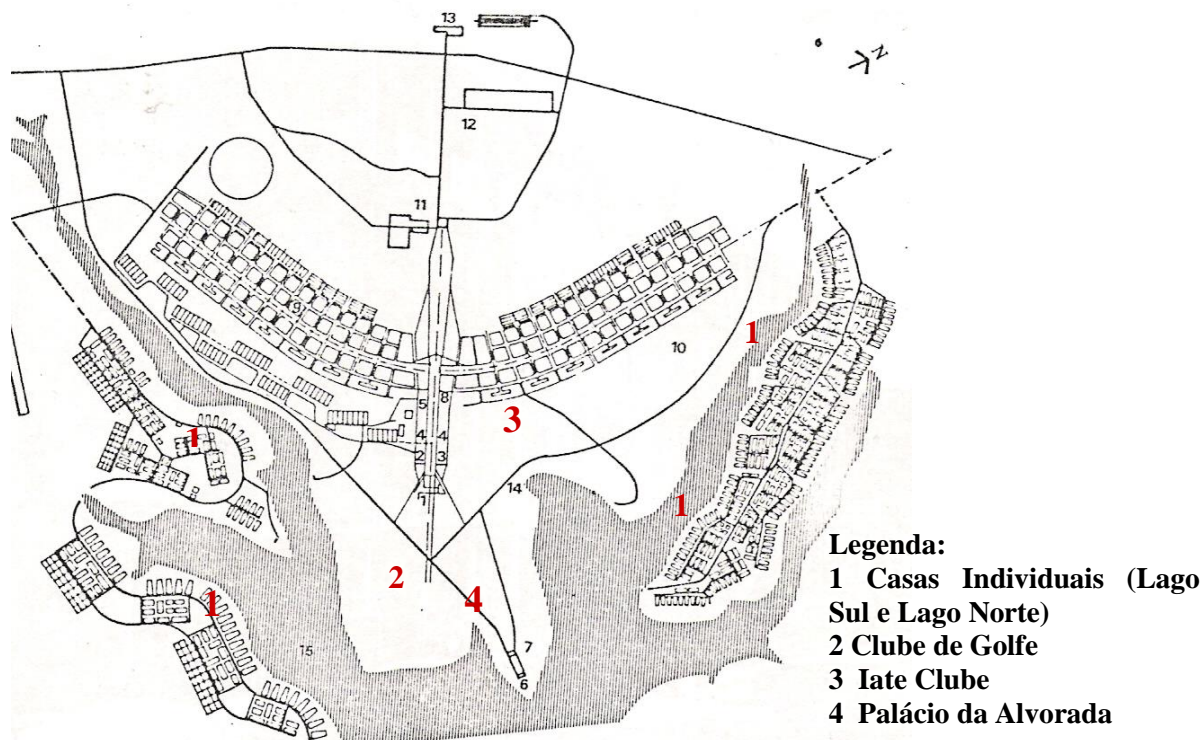


Fig. 1 Plano Original do projeto de Lucio Costa. Fonte: Adaptado de Costa (1957).



**Fig. 02 Planta geral da cidade construída. Fonte: Adaptado de Queiroz (1991, p. 144).**

Ao analisar os diferentes tipos das configurações urbanas existentes desde a construção na capital, Holanda (2003) destacou a mutabilidade destes planos, que estão em constante transformação. O “cordão sanitário” que foi imaginado pelos primeiros planos de ordenamento territorial, que englobaria toda a bacia do Lago Paranoá como área non-aedificandi e que protegeria o Plano Piloto começou a ser alterado com a construção de novos bairros, “porém que não mudaram a estrutura da cidade” (HOLANDA, 2013, p.15).

Em 1985, Lucio Costa lançou o documento Brasília 57-85: do Plano Piloto ao Plano Piloto, que relatou problemas relacionados ao desvirtuamento do projeto original. Dois anos mais tarde ele lançou o documento Brasília Revisitada (1987), com proposições de adensamento do Plano Piloto e recomendações para a sua preservação. Também no ano 1987, Brasília foi inserida na lista de Patrimônio da Humanidade, a iniciativa foi influenciada pela idéia de que o plano original de Costa estava ameaçado frente à imensa pressão imobiliária. Do ponto de vista prático “não se assegurou a preservação da forte imagem do Plano Piloto e se tornaram penosas muitas tentativas de resolver sérios problemas urbanísticos da cidade” (HOLANDA, 2003, p.07).

“O crescimento da cidade deveria ser por meio de cidades-satélites, separadas da “cidade-mãe” por um cordão sanitário de cerca de 25km. Visava-se a preservação do lago e a destacada imagem do Plano Piloto. Nem uma coisa nem outra aconteceram” (HOLANDA, 2003, p.07).

No documento “Brasília Revisitada, 1985-1987”, Lucio Costa apresenta sua visão de expansão do Plano Piloto. Propõe a localização de novos bairros para diversos estratos sociais, como o Sudoeste, Noroeste, Nova Asa Norte, Nova Asa Sul, expansão do Guará, expansão da Vila Planalto entre outros (Figura 03).

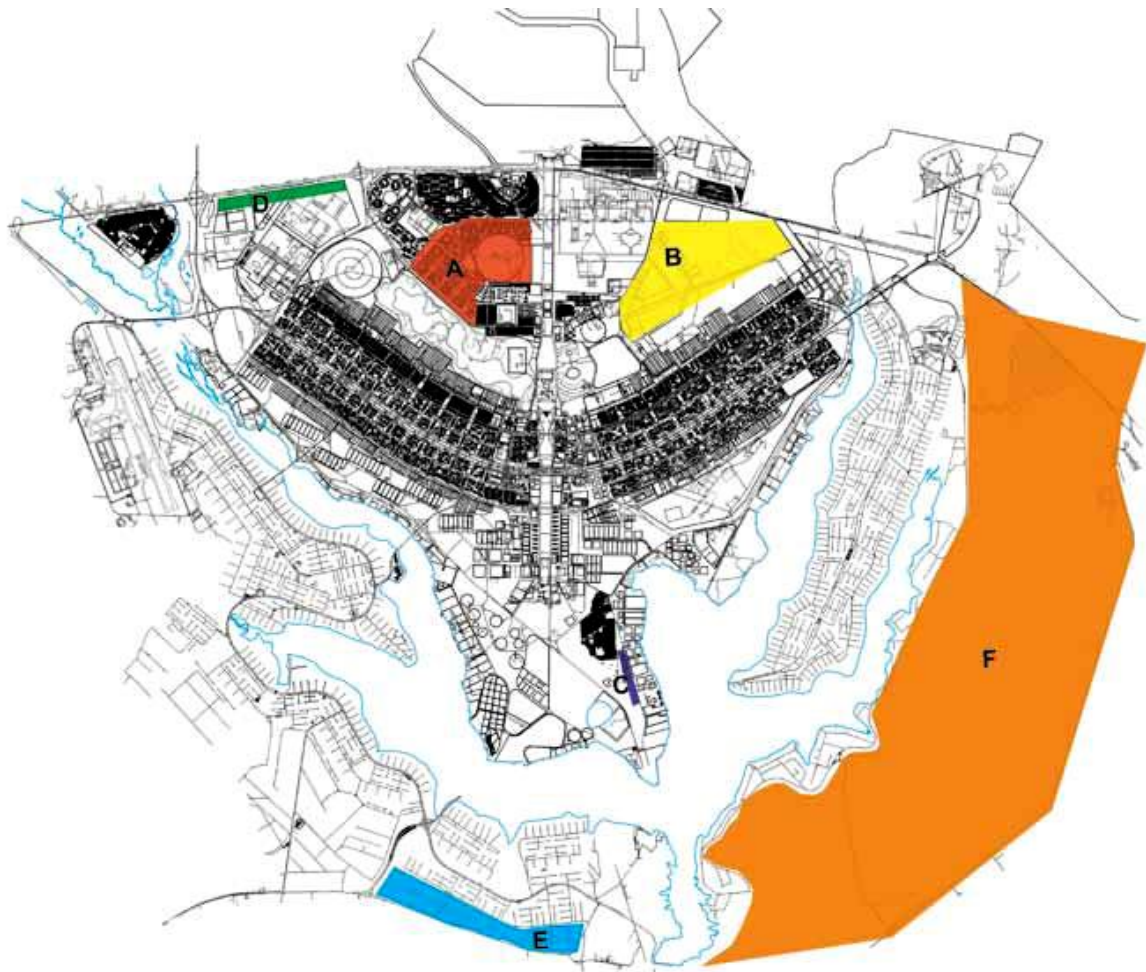


Fig. 03 Novas áreas residenciais propostas em Brasília Revisitada. Fonte: Seduma in Leitão (2009).

- |  |  |
|--|--|
|  | <b>Área A: Bairro Oeste Sul</b> Quadras econômicas (pilotis + 3 pavimentos)<br>Superquadras (pilotis + 6 pavimentos)   |
|  | <b>Área B: Bairro Oeste Norte</b> Análogo ao Bairro Oeste Sul  |
|  | <b>Área C: Quadras Planalto</b> Quadras menores, pilotis e 4 pavimentos: Vila Planalto preservada como é hoje  |
|  | <b>Área D: Quadras da Epia</b> Quadras menores, pilotis e 4 pavimentos   |
|  | <b>Área E: Asa Nova Sul</b> Quadras menores, pilotis e 4 pavimentos  |
|  | <b>Área F: Asa Nova Norte</b> Quadras econômicas e conjuntos geminados (habitação popular) Quadras (pilotis e 4 pavimentos) e lotes individuais: fixação da atual Vila Paranoá |

Os novos bairros deveriam formar uma unidade com o conjunto existente, ratificando o caráter de “cidade parque”, o que ele caracteriza como “derramada e concisa”, e seria um diferenciador de Brasília das demais metrópoles brasileiras. Lucio Costa pretende assegurar, como ele mesmo menciona, “o que se pretende preservar”, verificando áreas onde se convém a ocupação residencial dentro da Bacia do Lago Paranoá e próximas ao Plano Piloto:

“A proposta visou aproximar de Brasília as populações de menor renda, hoje praticamente expulsas da cidade – apesar da intenção do plano original ter sido a oposta – e, ao mesmo tempo, dar

também a elas acesso à maneira de viver própria da cidade e introduzida pela superquadra” (COSTA, 2009, p.74).

As idéias iniciais de trazer a população mais pobre para o Plano Piloto não aconteceu. Muitos destes bairros, que deveriam ter como tipologia urbana o modernismo clássico com algumas modificações, não foram implantados. Atualmente alguns deles possuem a metragem quadradas mais caras da capital, como é o caso do Sudoeste e Noroeste.

Problemas ambientais são percebidos nestas novas áreas. A implantação do bairro Noroeste, por exemplo, é considerado como o principal fator de assoreamento no braço do riacho Bananal, um tributário do Lago Paranoá. Enquanto as técnicas de construção não previrem o cuidado com o carreamento de sedimentos para o lago, este problema persistirá. No seu lançamento imobiliário, o Noroeste foi divulgado como um bairro sustentável, que teria drenagem natural e sistemas de infraestrutura verde, seria um empreendimento modelo e inovador, símbolo da sustentabilidade ambiental. Passados alguns anos, a realidade é outra, grande parte das iniciativas tidas como “verdes” não foram implantadas, a sua construção segue praticamente a mesma lógica de qualquer obra em qualquer lugar do país.

Lucio Costa também propôs dois novos bairros fora do Plano Piloto, porém muito próximos a este e ao Lago Paranoá, ele chamou estas áreas de “Asas Novas” – “Asa Nova Sul” e “Asa Nova Norte” (ver letras E e F da fig.3). A idéia seria de abrir novas perspectivas e oferta habitacional multifamiliar para a população de escassa renda e de renda média e baixa. Infelizmente o governo demorou muito a ocupar estas áreas e elas foram ao pouco sendo invadidas por condomínios horizontais. A paisagem nas duas áreas atualmente é a das “cidades muradas” tão comuns nos subúrbios das capitais brasileiras.

A Asa Nova Sul deveria ter uma ocupação linear seguindo a configuração das pequenas Quadras Planalto, com gabarito de quatro pavimentos sobre pilotis e cercadura arborizada. Já a Asa Nova Norte, por ser uma área bem maior e com um relevo acidentado, deveria prever Quadras Econômicas e conjuntos geminados, para atender à população de baixa renda. Finalizando a idéia destas Novas Asas, Lucio Costa conclui:

“Nessas “Asas Novas”, mesmo quando de configuração diversificada, deve também prevalecer a mesma conotação de cidade-parque, vale dizer, pilotis livres, predomínio de verde, gabaritos baixos” (COSTA, 2009, p.74).

Na conclusão do documento Brasília Revisitada, Lucio Costa imaginava que Brasília, com a criação das novas áreas, assim como a implantação da cidade satélite de Samambaia, alcançaria o limite populacional máximo desejado, não sendo necessário, portanto, criar novos núcleos de adensamento. Na visão de Costa, Brasília deveria permanecer uma cidade eminentemente político-administrativa, não sendo interessante sua transformação em uma grande metrópole, pois haveria o risco de desvirtuar esta primeira função.

### 3 QUESTÕES ATUAIS DA PRESERVAÇÃO DE BRASÍLIA

Apenas uma pequena parte da população<sup>1</sup> dos quase três milhões de habitantes do Distrito Federal habitam o polígono tombado e Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO, ao mesmo tempo, é nesta área que existe a maior concentração de rendas, empregos e melhor infraestrutura urbana.

Os grandes espaços livres fazem de Brasília umas das capitais mais rarefeitas, aumentando o preço das passagens de transporte coletivo, dificultando o acesso dos mais pobres ao centro onde concentram os serviços e empregos. Aqueles que se identificam com a preservação da cidade como patrimônio mundial estão legitimamente preocupados com a invasão de terrenos públicos, particularmente no Plano Piloto, mas não tem havido tanto interesse quanto a medidas que garantam a qualidade destes espaços públicos.

Mas por que as cidades satélites de Brasília foram pensadas no início do Distrito Federal como manchas isoladas e pontuadas no território? Paviani (2011, p.6) lembra que à época, as autoridades afirmavam ser necessário ter esse “modelo” para a preservação ambiental do Lago Paranoá e do Cerrado. Porém, ao analisar uma foto atual de satélite, o autor verifica a tendência de conturbação entre as cidades, e o preenchimento dos vazios urbanos com novas construções. Portanto, “A solução ambiental dos núcleos múltiplos, benéfica aos habitantes do DF, aos poucos, vai se perdendo” (PAVIANI, 2011, p.6), eliminando as vantagens do modelo polinucleado.

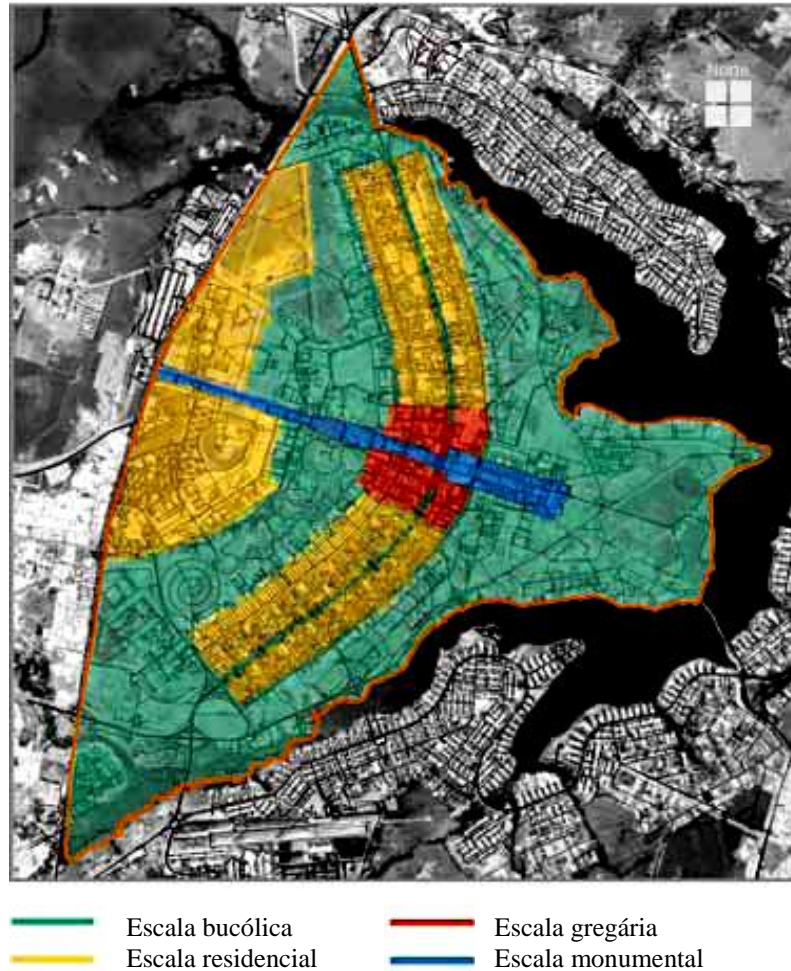
A conturbação trará consequências danosas para a cidade, seguindo a tendência das outras metrópoles brasileiras, onde a grande área urbana verticalizada produz diversos problemas como as ilhas de calor, a falta de espaços para instituições públicas e áreas livres. Paviani conclui que se, de um lado, havia algumas vantagens com a cidade polinucleada, por outro, a cidade conurbada só trará prejuízos. Quais seriam então alternativas entre estes dois “modelos”, a Brasília polinucleada e a Brasília conurbada? Estas duas alternativas se deparam com a questão da escala bucólica, item que será visto no próximo item.

### 4 A ESCALA BUCÓLICA E A ORLA DO LAGO PARANOÁ

No documento intitulado Brasília Revisitada (1987) Lucio Costa apresenta o nome de uma nova escala para Brasília, a Bucólica, apesar de seus fundamentos já estarem implícitos no texto original do Plano Piloto de Brasília. Portanto, todas as iniciativas de preservação do Plano Piloto de Brasília, inclusive no âmbito de seu tombamento, são baseadas na conjuntura das quatro escalas urbanas: a *monumental*, a *residencial*, a *gregária* e a *bucólica*, que são por sua vez estruturadas por dois eixos se cruzam – o *monumental* e o *rodoviário* (Figura 4).

---

<sup>1</sup> Segundo dados da CODEPLAN (2014) são em torno de 300 mil habitantes no Plano Piloto.



**Fig.4 Mapa das escalas predominantes. Fonte: Seduma in Leitão (2009).**

Lucio Costa confirma estes preceitos, quando fala da importância da arborização, da manutenção da vegetação nativa e das extensas áreas livres que devem ser mantidas contíguas às áreas edificadas:

"E a intervenção da escala bucólica no ritmo e na harmonia dos espaços urbanos se faz sentir na passagem, sem transição, do ocupado para o não ocupado – em lugar de muralhas, a cidade se propôs delimitada por áreas livres arborizadas" (COSTA, 2009, p.71).

A escala bucólica, portanto, tem o sentido de valorização paisagística tanto do conjunto urbano quanto das áreas de lazer no campo ou no lago. Sobre a Orla do lago, Costa afirma:

"O plano piloto refuga a imagem tradicional no Brasil da barreira edificada ao longo da água; a orla do lago se pretendeu de livre acesso a todos, apenas privatizada no caso dos clubes. É onde prevalece a escala bucólica". (COSTA, 2009, p.74).

Botelho (2009) menciona que escala bucólica possui quatro princípios determinantes: "predominância do verde; horizontalidade da paisagem; baixas densidades (predomínio de áreas livres sobre áreas edificadas); amplitude visual (visibilidade da linha de cumeeada)" (BOTELHO, 2009, p.94). A autora menciona que estes elementos são encontrados, "predominantemente, na orla do Lago Paranoá" (BOTELHO, 2009, p.95), porém ao fazer

uma análise mais aprofundada percebe-se que a orla está se transformando, ora anexando novas funções, ora criando barreiras, em uma constante mutação.

Gusmão (2009) analisa a escala bucólica de uma maneira mais crítica, avaliando o não cumprimento dos ideais de Lucio Costa devido às múltiplas interpretações de seus parâmetros urbanísticos, já que “a tomada de consciência sobre os valores dessa quarta escala tem sido um desafio constante ao longo dos anos” (Gusmão, 2009, p. 159). Alinhados com os problemas atuais reconhece-se o problema das expectativas sociais com relação à utilização dos espaços livres, que mudam ao longo do tempo:

“Desde os primeiros documentos até os dias atuais, a fisionomia dos vastos espaços verdes que compõem a escala bucólica é confrontada com as demandas provenientes dos hábitos de lazer e de moradia vigentes” (GUSMÃO, 2009, p.159).

Existem falhas no desenho urbanístico implantado nas margens do Lago Paranoá, que resultaram na impossibilidade do real uso público da orla por parte da população além da apropriação privada do espaço público que inibe o acesso franco e público, a beira do lago.

## 5 VAZIOS URBANOS PRÓXIMOS

Diversos autores trataram da temática dos vazios urbanos, termos como “*terrain vague, aree dismese, friche industrielle, brownfields*” são conceitos que procuram retratar a essência de espaços intersticiais, tanto na escala urbana como na escala metropolitana” (MARTINS, 2009, p.187).

Martins (2009) ampara-se no conceito de vazio urbano para explicar, do ponto de vista semântico, a perda de função de certas áreas na estrutura urbana, e do ponto de vista físico, um processo de deterioração de regiões valorizadas da cidade que poderiam ser mais bem aproveitadas com outros usos. Devido à grande centralidade de certos vazios urbanos, diversas cidades em todo o mundo tem feito esforços para a renovação urbana destas áreas, inclusive com o aumento da densidade construída.

Não se está questionando os vazios estruturantes da paisagem do Plano Piloto, justamente aqueles que permitem a percepção do horizonte na cidade e que fazem com que exista a permeabilidade entre os edifícios. Critica-se justamente as áreas subutilizadas, terrenos baldios e espaços ociosos e sem definição da escala bucólica, na área central e valorizada da cidade. Apesar da grande quantidade de vazios no Plano Piloto e sua falta de urbanidade, Lucio Costa reage às críticas:

“Da proposta do plano piloto resultou a incorporação à cidade do imenso céu do planalto, como parte integrante e onnipresente da própria concepção urbana – os “vazios” são por ele preenchidos; a cidade é deliberadamente aberta aos 360 graus do horizonte que a circunda” (COSTA, 2009 p.63).

Também existem pesquisadores que defendem o “vazio urbano” como elemento estruturador da própria cidade, como Jucá (2009) que entende que os vazios são o próprio motivo da paisagem, e que o plano de Costa instituiu uma “nova categoria urbana, na relação da estrutura aberta e edificada com a natureza do sítio e desfaz o oxímoro paisagem urbana, associado à cidade tradicional de grande adensamento” (Jucá, 2009, p.242).



Martins (2009) observou que nas áreas mais valorizadas de Brasília (figura 5), existem situações de subutilização, ociosidade e degradação dos espaços livres, sendo que “esses casos configuram um processo de desperdício de terras com grande valor, ao mesmo tempo em que implicam a urbanização em áreas periféricas” (MARTINS, 2009, p.186).



**Fig. 5 Estudo de Vazios Urbanos no Setor de Embaixadas Norte.**  
Fonte: Adaptado de Martins, (2009, p.193)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstra como diversas tentativas em melhorar e propor soluções para a área tombada de Brasília, algumas de iniciativa do próprio Lucio Costa, não geraram os desdobramentos esperados e a maioria foi esquecida pelos técnicos. O planejamento da cidade costuma ser realizado em um ambiente politicamente atribulado e institucionalmente instável. As ações governamentais avançam e recuam conforme o jogo político, comprometendo a eficácia operacional e seu entendimento pela população.

Em síntese, a grande maioria dos pesquisadores que estudam Brasília partem da tese de que as *escalas monumental, residencial, gregária* e *bucólica* são a essência do conjunto urbanístico de Brasília, constituindo sua identidade e responsável pelo seu reconhecimento da cidade como *monumento* a ser preservado para a posteridade.

O presente artigo pretende começar a discutir novas alternativas de desenho, traçados, que estejam ou não de acordo com as escalas de Costa, mas que tenham como principal característica, uma melhora de qualidade de vida para a população de Brasília. Parte-se da idéia, então, que pode-se criar, com a ajuda de um urbanismo mais sustentável, novos desenhos urbanos, sem por em risco a preservação da cidade, ou o título de patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Lucio Costa foi extremamente sensível a esta temática ao propor a expansão de novos bairros para a classe média, como o setor Noroeste e Sudoeste, porém as fortes pressões do capital imobiliário tornaram os bairros extremamente elitizados e de difícil acesso até para a própria classe média. No entanto, Costa & Lima (1986) assim como Lucio Costa e grande maioria dos estudiosos da questão da preservação urbana em Brasília sugerem que a solução para novas expansões do Plano Piloto devem ser feitas “na forma de superquadras”. Porém esta não é a única forma possível de adensamento no Plano Piloto. O

urbanismo ancorado em sustentabilidade pode dar um novo arcabouço de modelos para novos assentamentos urbanos, sem necessariamente colocar em cheque as questões mais prementes da preservação do patrimônio.

## **7 REFERÊNCIAS**

Botelho, L. A. (2009) O princípio das escalas no plano urbanístico de Brasília: sentido e valor além de proporção *in* Leitão, F. (organizador). **Brasília 1960 2010: Passado, Presente e Futuro**. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Brasília.

Costa, L. (1957) **Relatório do plano piloto de Brasília**.

Costa, L. (2009) Brasília revisitada, 1985-1987: complementação, preservação, adensamento e expansão urbana, *in* Leitão, F. (organizador). **Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro**. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Brasília.

Costa, M. E. & Lima, A. (2009) Brasília 57-85: do plano piloto ao plano piloto, *in* Leitão, F. (organizador). **Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro**. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Brasília.

Gusmão, C. (2009) **Escala bucólica: os três mosqueteiros são quatro**, *in* Leitão, F. (organizador). **Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro**. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Brasília.

Holanda, F. (2003) **Brasília: da carta de Atenas à cidade de muros**. Artigo. 5º Seminário DOCOMOMO Brasil, São Carlos.

Leitão, F. (2009). **Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro**. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente - Seduma, Brasília.

Martins, A. (2009) **Vazios urbanos em Brasília**, *in* Leitão, F. (organizador). **Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro**. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Brasília.

Paviani, A. (2011) **Patrimônio urbano de Brasília: urbanização com desigualdade socioespacial**. Artigo. 9º seminário DOCOMOMO brasil. Interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente, Brasília.

Queiroz, C. (1991) **Paisagem poderosa e preexistência**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.

Romero, M. A. B. (2006) **Desenho da Cidade e Conforto Ambiental**. Artigo. RUA, Revista de Arquitetura e Urbanismo, v. 1, p. 12-19, UFBA, Salvador.

Rosa-Lima, F. (2001) **Representações sociais da arquitetura e do urbanismo de Brasília**. Artigo. Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental, Nº 07. Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília.

Sennett, R. (1991) **La conciencia del ojo**. Ediciones Versal, Barcelona.

Referências on-line:

CODEPLAN: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/04/21/aos-51-anos-brasilia-caminha-para-engolir-cidades-goianas.htm>> acesso em junho de 2014.